

Bloco de Notas

Os riscos de Putin

Num texto muito crítico em relação a Vladimir Putin, Masha Lipman, do Carnegie Center de Moscovo, afirma que a prisão de Mikhail Khordokovski e o congelamento de parte das ações da sua empresa, a petrolífera Inkos, “representam uma escalada dramática da mudança que está a ocorrer na Rússia”.



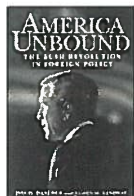
Particularmente preocupante, segundo Lipman, é o facto de a campanha contra o oligarca ser levada a cabo pelo gabinete do procurador-geral e pelos serviços de segurança, “cujas operações decorrem agora sem controlo, enquanto outras instituições governamentais e públicas se tornaram fracas ou irrelevantes”. A vitória da facção “dura” do Kremlin – os homens ligados ao antigo KGB e vindos de São Petersburgo, a cidade natal de Putin – é algo pelo qual “a Rússia vai pagar um preço alto”. “Tendo desencadeado os métodos de um Estado policial e confiado o Governo aos homens do KGB, Putin poderá agora ter dificuldade em controlá-los”, diz a analista. ■

O retrato de Wesley Clark

Um texto assinado por Elizabeth Drew na *New York Review of Books* faz um retrato do homem que poderá, acreditam alguns, entre os quais a autora, vir a derrubar George W. Bush: o general Wesley Clark. É um retrato bastante simpático do homem que, apesar de ter entrado tardiamente na corrida presidencial norte-americana, “mudou de forma radical a sua dinâmica”, e tem conseguido manter-se no primeiro lugar, ou entre os primeiros, nas sondagens sobre os candidatos democratas. O texto, intitulado “Esperando pelo general”, sublinha que é um erro pensar que Clark é um instrumento usado pelo casal Clinton para beneficiar as ambições de Hillary. “Clark é um homem excepcionalmente independente e, na minha opinião, é inconcebível que ele estivesse disposto a ser usado dessa forma pelos Clinton”. Para Elizabeth Drew, o general na reserva “é complexo, intenso, mas pode ser também descontraído e com sentido de humor”, para além de ser “excepcionalmente inteligente” e de já ter mostrado que é capaz de mudar de ideias. Pouco crítico, o retrato de Wesley Clark, centra-se mais nas qualidades do que nos defeitos do candidato. Mas diz que “ele está consciente dos passos em falso que deu desde que anunciou a sua candidatura [...] e sabe que nem a imprensa nem muitos democratas serão generosos se ele cometer mais erros”. ■



A revolução de Bush



George W. Bush lançou uma revolução na política externa americana. Quem o diz são dois analistas, Ivo H. Daalder, da Brookings Institution, e James M. Lindsay do Council on Foreign Relations, que acabam de lançar o livro *America Unbound*. Os dois autores contrariam a tese de que o actual Presidente norte-americano seja um fantoche dos neoconservadores, e defendem que ele acredita firmemente na política que está a aplicar, sintetizada no título do livro: uma América sem laços (com aliados ou instituições internacionais que limitem a sua liberdade de acção) é uma América mais segura. Num texto disponível no site da Brookings Institution, Daalder e Lindsay avisam que os que pensam que as dificuldades que os EUA estão a enfrentar no Iraque ou a oposição da Europa vão levar Bush a fazer uma viragem estratégica na sua política estão enganados. Tal aconteceria se a política externa de Bush não fosse baseada em princípios, “profundamente sentida e coerente”. E esta política tem (e continuará a ter, prevêem) três fundamentos básicos: a preferência por exercer o poder de forma unilateral e o desdém em relação a acordos multilaterais; a ideia de que os ataques preventivos já não são o último recurso (“não podemos deixar os nossos inimigos atacar primeiro”, disse Bush); e por fim a ideia de que os EUA devem usar o seu poder sem precedentes para mudar os regimes nos chamados Estados pária. O texto termina com uma frase significativa: “O custo final [desta política] seremos nós, infelizmente, a pagar”. ■

Alexandra Prado Coelho

Os avanços dos taliban

Depois de dois anos de guerrilha, os taliban afegãos encontram-se actualmente posicionados em redor de importantes cidades do Sul e Sudeste do Afeganistão e preparam-se para, depois do Inverno, lançar a sua grande ofensiva, desta vez contra os centros urbanos, revela o *AsiaTimes Online*. Segundo estas informações – baseadas em grande parte no que contam os próprios comandantes taliban, e não confirmadas pelas tropas estrangeiras que se encontram no país – a situação no terreno é hoje idêntica àquela que o Afeganistão viveu depois da retirada soviética e durante o regime comunista do início dos anos 90, quando o governo estava limitado às cidades e os arredores e as localidades mais pequenas eram controladas pelos “mujahideen”. Este quadro traçado pelo *AsiaTimes* surge depois da confirmação de que o Governo de Hamid Karzai está a manter conversações “discretas” com os antigos dirigentes taliban considerados “moderados” – aparentemente com a aprovação da Administração americana, refere a revista *Time*. ■

